

Barcellos

REGENERADOR

C. M. B.
BIBLIOTECA

1.º Anno

Quinta-feira, 1 de abril de 1897

N.º 10

E' deputado da opposição por este circulo o exm.º sr. conselheiro José d'Albren do Couto d'Amorim Novaes

A INELIGIBILIDADE DO SR. BISPO DE HIMERIA

Pertence á «Tarde» o artigo que segue, demonstrativo da ineligibilidade do Prelado de Moçambique.

Diz o «Popular»:

«A «Tarde» teima em que os prelados são empregados publicos. Serão. Mas por que não pagam direitos de mercê como todos os empregados, assim como os parochos no continente não pagam imposto de rendimento?»

Vamos servil-o a primor. Verá que não lhe ficam dúvidas.

Tendo o decreto de 31 de dezembro de 1868 sujeitado ao pagamento de direitos de mercê todos os empregos ecclesiasticos, de qualquer gerarchia, determinou a portaria de 3 de abril de 1868, assignada pelo sr. José Dias Ferreira.

«Determinando o decreto de 31 de dezembro de 1836 que os empregados ecclesiasticos, qualquer que seja a sua gerarchia, estão comprehendidos na disposição que obriga ao pagamento de metade do rendimento d'um anno... Sua Magestade El-Rei, conformando-se com o parecer do conselheiro ajudante do procurador geral da fazenda, ha por bem declarar que o Patriarcha de Lisboa e os Arcebispos e Bispos de todas as dioceses do reino, estão sujeitos ao pagamento de direitos de mercê, na conformidade do que dispõe o citado decreto com relação a empregos.»

Depois d'isto, o «Direito», jornal de que é proprietario e redactor o sr. Conselheiro José Luciano de Castro, (4.º anno, pag. 375) claramente affirmou:

«O Patriarcha, Arcebispos e Bispos do continente do reino são obrigados ao pagamento de direitos de mercê apenas a metade dos proventos d'um anno.»

E conta:

«Novamente entrou em duvida, não obstante a dita portaria, se aquelles empregados ecclesiasticos...»

E' «O Direito», jornal do sr. José Luciano que declaradamente lhes chama *empregados ecclesiasticos*...»

Para isso se baseou no parecer da Procuradoria geral da Corôa e fazenda, de 1872, onde se diz:

«Sendo portanto ao poder executivo a quem compete nomear os Bispos e sendo igualmente certo que pelo facto da nomeação o ecclesiastico nomeado obtém o mais elevado emprego na gerarchia ecclesiastica...»

E mais adiante:

«Pouco importa que o episcopado seja designado como dignidade, cargo, logar, funcção ou occupação, o que tudo se comprehende debaixo do termo generico emprego.»

Esta foi a doutrina perfilhada pelo sr. José Luciano de Castro no seu excellento jornal «O Direito».

Posteriormente, o decreto de 26 de julho de 1880, *referendado pelo sr. Barros Gomes*, approvando as tabellas dos direitos de mercê, comprehendeu n'ellas, de conformidade com a lei de 31 de março d'aquelle anno:

«Os empregados ecclesiasticos de qualquer gerarchia que forem.»

Mas porque não tem, afinal, os Bispos pago *direitos de mercê*?

Porque apesar d'aquellas disposições o Supremo tribunal Administrativo julgou, e o decreto de 17 de outubro de 1888, *referendado pelo sr. Conselheiro Marianno de Carvalho* confirmou, que não tendo o bispo eleito jurisprudencia pelo facto da investidura, e só adquirindo depois pela instituição canonica, devia pagar pela *bullá para provimento* e não pela *apresentação*.

Mas o mesmo tribunal e o mesmo decreto para que se não julgasse que os bispos deixavam, por isso, de ser considerados como empregados ecclesiasticos, expressamente diz:

«Considerando que a questão levantada pela reclamação dos funcionarios recorrentes...»

Ora os *funcionarios recorrentes* eram o Patriarcha de Lisboa e Bispo de Bragança.

Quer o «Popular» mais explicações?

E' o que pensa sobre o assumpto o nosso auctorizado collega e, com elle, mais alguns da capital.

Com a transcripção fazemos nossa a doutrina, porque a achamos precisamente legal.

Tão só porisso; que, seguramente, não careceremos de a invocar.

A candidatura do sr. bispo acha-se condemnada pela **opinião publica**, mórmente, depois da intervenção inconvenientissima da associação catholica de Braga, que se arrogou os fóros de decidir *ex-cathedra* sobre a orthodoxia e pureza de crenças do clero d'este concelho, conforme se abandasse sob a bandeira do sr. bispo, ou militasse no campo da opposição.

Lógo dissemos que se haviam de arrepender da má traça, a que se socorreram.

Nada ha como ferir as susceptibilidades e crenças d'aquelles que teem **fé**, tanto ou mais viva, do que os da associação catholica, apesar de não pertencerem nem a associações, nem a centros, nem a quaesquer conventiculos de seita.

As eleições em Barcellos

Recebemos e muito agradecemos o seguinte e sensatissimo artigo, a que mui gostosamente damos publicidade:

«E' curioso, mais que curioso, é espantoso, o que se está dando em Barcellos, por causa das eleições! Parece que o espirito das trevas anda ali cimentando uma desordem tremenda, que ha de deixar atraz de si resultados funestos e duradouros. Lamentamos que assim aconteça; e sentimos profundamente que os homens, que dirigem superiormente o movimento catholico, não tenham tido a prudencia necessaria para evitar escandalos e excessos, promovidos pelo clero, e que hão de produzir o desprestigio da reacção catholica em Portugal.»

«Quem semeia ventos colhe tempestades», diz o Evangelho. Pelo que se está vendo

em Barcellos, o espirito que domina o clero d'aquelle circulo eleitoral, está muito longe de ser o espirito da Igreja de Jesus Christo. Ali reina o espirito das trevas, andando confundidos os interesses politicos com os da Igreja Catholica, como se a santa, a pura, a immaculada Esposa de Jesus Christo, tivesse que ver com as abjeções e com as indignas e baixas intrigas, que geram em volta d'uma eleição de deputado! E' até onde pode chegar a cegueira humana!!!

Vimos o protesto d'um parochos de Barcellos, que merece ser gravado em marmore, *ad perpetuam rei memoriam*.

Entre outras cousas curiosas lê-se ali, com grande pasmo:—«A minha gratidão e o meu respeito ao cavalheiro que me despachou (platonico); mas em primeiro logar, a minha gratidão e o meu respeito á Igreja, que me ordenou, e da qual sou indigno ministro!!!»

Leram bem?!..

Em que estado te pozeram a cabeça os galopins do senhor Bispo, meu caro padre José Marques Lima?!..

Então o candidato catholico de Barcellos—se se lhe pode dar esse nome—é a Esposa de Jesus Christo, a mestra e depositaria das verdades eternas?..

Que confusão d'ideias, que ignorancia de conhecimentos profissionaes tem este rev.º padre!... Vão sendo d'esta natureza os fructos da obra catholica de Barcellos!..

E ainda a procissão está na Igreja!..

Ao senhor Nuncio Apostolico, lembramos a necessidade de dar remedio prompto a estes desregramentos que, podem ser causa de graves males para a Religião e para o Estado.

Os agentes eleitoraes do senhor Bispo d'Himeria, vendo a sua causa, senão perdida, pouco segura, agarram-se, como naufragos, com desespero, a tudo o que encontram á mão sem attenderem a nada!..

Por isso é que propalam coisas pouco serias e pouco dignas de ministros d'uma religião, que é toda caridade, toda amor; causando com as suas intrigas dissensões no

seio do proprio clero; o que é um grave mal! A verdade é que o senhor Bispo é um candidato como outro qualquer; a sua qualidade de Prelado da Igreja, se lhe dá direito ao respeito dos catholicos, tambem lhe impoem a obrigação de ser exemplar no seu comportamento e de não consentir que, á sombra da sua auctoridade moral, se pratiquem incongruencias e manejos politicos indecorosos, como é o pretenderem, á viva força e por meio d'uma coacção moral, levar o clero, contra a sua vontade, a votar em s. ex.ª revm.ª.

Dê duas uma:—ou o voto é **livre**, e, n'esse caso, o clero está no seu pleno direito de votar a favor ou contra s. ex.ª revm.ª, porque ali não está o bispo catholico, está apenas um candidato politico; ou o voto é **obrigatorio** e, n'este caso, nomeie-se s. ex.ª revm.ª, por auctoridade propria, deputado catholico, e não venha apresentar o seu nome ao suffragio dos eleitores!

Todos esses abusos, que se praticam em volta da candidatura do sr. bispo de Himeria, desautorizam s. ex.ª revm.ª; porque **quem cala consente**, e alem d'isso mostra que o **fim** a que s. ex.ª revm.ª se propõe é **vencer**, importando-lhe pouco os **meios** empregados para esse fim.

Estámos a prever grandes males, resultantes d'uma lucta, em que a paixão é o principal agente, e em que a prudencia e o bom conselho andam muito distanciados... A verdade é que a causa da religião nada terá a lucrar com esta luta desenfreada.»

Um catholico estranho ao circulo de Barcellos.

COMO SE OPERA UMA TRANSFORMAÇÃO

Consta-nos que—quando a commissão, que promoveu a mensagem de convite, dirigida ao sr. bispo de Himeria para aceitar a candidatura por este circulo, procurou o sr. dr. Rodrigo Velloso, para a assignar—s. ex.ª lhe respondera:—«que não assignava tal mensagem, porque isso o obrigaria a trabalhar pelo sr. bispo e que elle de *politicos*... já estava farto.»

Foram—segundo nos consta—dizer isto ao sr. Manuel Paes. S. ex.ª sorriu-se e assegurou á

comissão que podia estar descaçada:—tudo se arranjará; a questão é *conhecer-lhes o feitio*; eu vou dizer ao José Luciano que o mande chamar.»

Parece-nos que assim o fez, porque, effectivamente, o sr. dr. Rodrigo Velloso foi chamado a Lisboa.

No dia em que partiu, dizem ainda, que o sr. Manuel Paes fizera para o sr. José Luciano, o seguinte telegramma:—

«Presidente conselho—Lisboa

O homem parte hoje. Basta promessas, que elle está ansioso por que o animem. Lembra escreva ao Manuel da Graça, que anda por aqui, muito satisfeito, a mostrar cartas bispo. Tudo se arranjará:—a questão é *conhecer-lhes o feitio*»

Mostrou, em seguida, este telegramma aos srs. dr. José Ramos e abade de Roriz.

O sr. dr. José Ramos disse:—«Está muito bem; o Rodrigo, se tiver character, não pôde deixar de trabalhar com o partido;—ao que o sr. abade de Roriz, mais *finório*, acrescentou:—«não diga assim que nos compromette; o que deve dizer é que o Rodrigo, *catholico* como é, não pôde deixar de trabalhar com o bispo.»

Como dissemos, o sr. dr. Rodrigo Velloso partiu para Lisboa.

Logo no primeiro dia procurou o sr. José Luciano e fez-se anunciar.

Veio o criado e disse-lhe:—«O sr. conselheiro não pode receber, por enquanto, v. ex.^a e manda dizer-lhe que o procure, hoje, ás 9 horas da noite.»

As 9 menos 1¼ chegava a casa do sr. José Luciano o sr. dr. Rodrigo Velloso.

Foi mandado entrar para uma sala, onde estavam á espera, para ser recebidos, dois influentes de Sobral de Monte Argaço.

Não se conheciam; estiveram, por isso, algum tempo sem fallar.

Passou meia hora e, então, o sr. dr. Rodrigo Velloso, dirigindo-se-lhes:—«se seria demorada a sua conferencia com o sr. presidente do conselho?...»

«Não senhor:—elle foi quem nos mandou chamar»—responderam os influentes de Sobral de Monte Argaço.

E postos a fallar disseram:—«Nós fomos, nos nossos principios politicos, regeneradores; mais tarde prestamos grandes serviços ao partido progressista, e ultimamente estavam quasi republicanos, dizendo mal de tudo e de todos.»

Sim:—v. ex.^a bem deve saber que é sempre bom preparar um logar para a *segunda meza*, se o não obtivermos na primeira.

Agora o José Luciano mandou-nos chamar e, provavelmente, é para nos pedir que trabalhemos com elle no Sobral, onde as cousas se não *pintam* bem para o governo.

Nós estamos promptos a fazelo, mas com uma condição:—temos filhos e queremos que sejam despachados.

Bem vê v. ex.^a:—a gente precisa de ter character...»

O sr. dr. Rodrigo Velloso, interrompendo:—«Diz bem; a gente precisa de ter character...»

N'isto appareceu o correio e disse, abrindo uma porta:—«O sr. dr. Rodrigo Velloso, de Barcellos, pôde entrar...»

S. ex.^a entrou para uma outra sala e achou-se em frente do sr. José Luciano.

Então este, dirigindo-se-lhe, deu começo ao seguinte dialogo:—

O sr. José Luciano:—«V. ex.^a desculpe a demora em recebê-lo, e desde já lhe agradeço infinitamente a sua annuência ao meu convite, vindo a Lisboa.

Já me tinha mandado dizer que viria; no entanto tinha minhas apprehensões de que o não fizesse, porque sei que v. ex.^a estava muito magoado comigo e que ti-

nha feito, n'este sentido, umas affirmações muito positivas...»

Muito bem:—agora, que cá está, vou pedir-lhe a fineza de nos coadjuvar na proxima eleição.»

O sr. dr. Rodrigo Velloso:—«Não o posso fazer. V. ex.^a bem sabe que eu fui muito desconsiderado, e os meus amigos—que sempre trabalharam dedicadamente para eu ser collocado—ficaram muito irritados e accuzar-me-ão de falho de toda a vergonha e pudor politico, se trabalhar a favor de v. ex.^a...»

O sr. José Luciano:—«Pois tem razão, mas tudo se pode arranjar:—o que se não faz no dia de Santa Luzia, faz-se ao outro dia.»

O sr. dr. Rodrigo Velloso:—«Pois sim, mas elles não creem em...»

promessas; e eu tambem não estou em boa posição; porque, desde então para cá, andei a pregar contra os politicos por toda a parte, nos tribunaes, nas reuniões familiares, e, ainda ha dias, quando v. ex.^a subiu ao poder—andando lá em Barcellos umas muzicas pela rua e entrando meus filhos no club, onde eu estava—os prohibi de as acompanharem, dizendo-lhes, publicamente, que só lhes consentia que dessem vivas á **republica**...»

O sr. José Luciano:—«Ora deixe-se d'isso. Nós tambem dissemos mal do Rei; injuriamos o Soveral e chamamos *quadrilheiro* ao Veiga; e, afinal, tivemos de nos submeter.»

Eu tambem andei colligado com os republicanos; mas hoje—que somos poder—precisamos de mostrar que somos **monarchicos intransigentes**.

Deixe-se d'isso. V. ex.^a pode contar com a minha boa vontade, e asseguro-lhe que não largo o poder, sem reparar a injustiça que lhe fiz.»

O sr. dr. Rodrigo Velloso:—«Mas eu ja disse a v. ex.^a que elles não acreditam em **promessas**...»

(E approximando-se do sr. José Luciano disse-lhe alguma coisa, em voz baixa).

Então o sr. José Luciano disse, tambem, ao ouvido do sr. Rodrigo Velloso, não podemos saber o que; e depois, mais alto:—«...isto para já e por enquanto; que, depois, vou crear uma conservatoria no Porto...»

De prompto o sr. dr. Rodrigo Velloso, erguendo-se commovido:—«Pode v. ex.^a contar com os meus serviços; eu lhe mandarei a «Aurora» para v. ex.^a ver...»

O que eu precisava era... de um motivo.

V. ex.^a bem vê que a gente sempre precisa mostrar que tem *character*, e, pelo menos, salvar as apparencias...»

O sr. José Luciano, muito satisfeito:—«Agradeço a v. ex.^a. Eu hei de cumprir... Adeus e confie em mim...»

Descia já a escada o sr. dr. Velloso, quando o sr. José Luciano o chamou, inquirindo:—«Olhe lá—será necessario mandar vir a Lisboa o Manuel Rôças?...»

«Intendo que não»—respondeu o sr. dr. Velloso; «elle anda por lá muito satisfeito e todo cheio de si, a mostrar as cartas que lhe tem escripto o bispo; mas, se o julgar necessario, avisarei v. ex.^a. Adeus...»

Este dialogo foi-nos relatado pelos dous influentes de Sobral de Monte Argaço, que estiveram de ouvidos collados á fechadura, emquanto durou a conferencia.

Não ficaram satisfeitos, por serem recebidos em segundo lugar, e—pelo que disseram—o sr. José Luciano não lhes fez **promessas**... tão reaes e positivas.

Vieram cá para fóra e contaram tudo.

Uma coisa os intrigava:—era o não lograrem saber o que o sr.

dr. Rodrigo Velloso dissera em voz baixa ao sr. José Luciano, e o que o sr. José Luciano dissera ao ouvido do sr. dr. Rodrigo Velloso.

Diziam os bons dos homens:—a nós não nos *comeu* elle; não nos despachou os filhos, pois havemos de lhe mostrar que temos *character*...»

Isto foi o que nos contaram.

Será verdade?...»

O que é certo é que o sr. dr. Rodrigo, ao chegar de Lisboa, escrevia em parangona, na «Aurora do Cavado»:

E' candidato progressista pelo circulo de Barcellos o ex.^{mo} sr. D. Antonio Barroso, bispo de Himeria, nosso benemerito patriota, e um dos filhos de Portugal que mais tem honrado o paiz, diffundindo o amor da religião e da patria em nossas vastas possessões Africanas, e sacrificando sua saude na civilisação d'estas.

Não poderá, pois, o nosso circulo ser melhor representado em Côrtes.

Assim é que é sr. dr.:—é necessario mostrar-lhes que tem *character*.

Bem dizia o sr. Manuel Paes:—a questão é *conhecer-lhes o feitio*.

Agora aos eleitores:—

O sr. bispo irá para a Africa.

O sr. Manuel Paes ficará em Lisboa.

O sr. dr. Rodrigo Velloso irá para a conservatoria do Porto.

O sr. dr. José Ramos será despachado delegado para as ilhas. Arranjam-se todos.

A questão é de *character*; mas, depois de partirem, a que portas haveis de bater vós, eleitores?...»

Promessas—lá o diz o sr. dr. Rodrigo Velloso na «Aurora do Cavado»—**promessas** não passam de **lerias**.

E elle lá sabe porque o disse...»

E por que julgou preferivel jogar pelo seguro!...

A VINHA DO SENHOR BISPO

Na reunião que, no dia 18 do corrente, se celebrou em Barcelinhos, o sr. Bispo de Himeria—fazendo a apresentação da sua candidatura—disse:

«Não sou **politico**, sou simplesmente **catholico**; e, ao terminar o seu discurso, repetiu:—«que não estava enfeudado a partido algum, e que, por isso, apenas defenderia os interesses da Religião e da Patria.»

S. Ex.^a disse-o e—embora o coração nos bacorejasse o contrario—corria-nos o dever de o acreditar, pois que sômos dos que entendem que a maior offensa que se pôde fazer a um homem de bem, é o não dar credito ás suas affirmações politicas.

Chegou, porém, ao nosso conhecimento um facto, praticado pelo sr. bispo, que o colloca n'uma posição desastrosissima.

O sr. Bispo de Himeria escreveu a diversas pessoas de Famalicao, pedindo votos, contra Monsenhor Santos Viegas, e a favor da candidatura do sr. Alvaro de Castellões!!!

Isto é verdade, e, se necessario for, declararemos os nomes das pessoas a quem o sr. bispo escreveu.

Propoem-se, por Famalicao Monsenhor Santos Viegas que, como deputado, defendeu no parlamento, e por muitas vezes, os interesses da Religião e da sua classe.

N'uma d'ellas fallou, até, do sr. bispo de Himeria, tecendo-lhe os maiores elogios, como evangelizador e como patriota.

Pois—apesar de todas estas

considerações e de Monsenhor Santos Viegas ser um **padre** e um **parochio**—o sr. bispo escreveu cartas para Famalicao contra o sr. Santos Viegas... talvez porque entenda que, sendo este cavalheiro **parochio** de uma freguezia, não deve antepôr os seus deveres civicos aos que lhe impoem o seu munus parochial, abandonando os parochianos para vir para o parlamento!...

Mas, se assim é, por que não vae s. ex.^a rev.^{ma} para a sua prelazia de Moçambique, que tão carecida está da sua direcção e evangelisação?...

Será para prestar serviços á Religião e á Patria, ou como prova de reconhecimento pelas palavras que a seu respeito monsenhor Santos Viegas proferiu no parlamento?...

Respondam; que a posição do sr. bispo é deveras dolorosa e lamentavel.

Nós bem desejavamos fazer a devida honra ao character do sr. bispo, acreditando nas palavras que proferiu no reunião de Barcelinhos:—«não sou **politico**, sou simplesmente **catholico**».

Mas o sr. bispo é o primeiro que as não honra, com o seu procedimento!...

Bem nos dizia o coração que o sr. bispo é um ferrenho **progressista** com a **má vontade** aos regeneradores, que fundamentalmente caracteriza a facção a que pertence e que se lhe aggravou desde que estes o não despacharam bispo de Macau.

Sim:—porque o sr. bispo cansou-se muito depressa de trabalhar na *vinha do senhor* para começar a trabalhar na *sua propria vinha*.

Se até nos consta que s. ex.^a diz que bem sabe que **perde**; mas que fica com direito a uma **recompensa**!...

E a Religião e a Patria servem para tudo isto!...

Que bello thema para um novo Molière!...

CATURRICES D'UM COMPADRE

Caro compadre e senhor, Como bom amigo velho, Quero trazer-lhe um conselho:—Fuja de certos farcistas, Que tortulham por ahi, E guarde, quanto poder, As filhas e a mulher Das *sotainas* progressistas.

Pois é certo o que se diz, Isto, aqui, muito em segredo, Causa-me, até, certo medo Contar com elles—meu Deus!—Sem respeito, nem decoro, Abusam da confissão, Em proveito da eleição, Os horrendos phariseus!...

Isto faz tremer, compadre!... Sei de senhora casada, Honesta, bem comportada, Que *embisparam* té ao horror De jurar que se suicida, Se o bispo for preterido!... Não vê filhos, nem marido... Chega a este desamór!...

Porisso eu cá, se tivesse Mulhersinha a governar, Nem ia a *desobrigar*, Sem passar tal eleição!... Com velhaca hypocrisia, Levam-nos a acreditar:—Quem contra o bispo votar Cai em negra excommunhão!

A tal ponto as tem perdido, Que até as mais timoratas, Fazem bellas combinatas, P'ra se a *mitra* vingar:—Que não de a *capa* repartir É tudo, que seja a geito D'ellas usar junto ao peito... Isto hade escandalo dar!

Quanta eleição eu já vi, Discutida com furor, Questionada com ardor... Mas obsceno como isto!.. Só elles eram capazes

De, immoralmente, levar A discordia ao santo lar, E para *gloria* d'um bispo!

Um velho eleitor.

O sr. bispo a frigrir

Consta-nos que o sr. bispo diz:—«que bem sabe que **perde** e por muitos votos, mas que até isso lhe convem porque lhe dá direito a uma **recompensa**».

Mais nos consta que o sr. bispo diz:—«que não lhe desagrada a discussão, que se tem levantado na imprensa, porque ella chama as atenções para o seu nome.»

Pois fique s. ex.^a descaçado:—havemos de fazer-lhe a vontade.

Nós já sabiamos que o sr. bispo gosta muito de *frigrir*.

Basta ler os relatorios, nimiamente diffusos, que escrevem, e ter conhecimento das solicitações que fazia á imprensa «para... fallar e occupar-se d'elles.»

E' que ha heroes d'Africa, que se fazem em Lisboa.

Ha missionarios que prestam em Africa relevantissimos serviços, com sacrificio da propria vida, e chegam a ser desconhecidos na grandeza da sua abnegação.

Não escrevem relatorios, porque consomem todo o seu tempo na evangelisação do gentio, pelos sertões, diffundindo-lhes a luz da sua fé ardentissima e morrem missionando, obscuramente mas no cumprimento da sua missão e prestando á Religião e á Patria os mais desinteressados e heroicos serviços.

Verdadeiros martyres, novos santos da civilisação!...

Ao sr. bispo, porém, apraz-lhe *frigrir*, cá pelo continente branco; e tanto *frige* que até, nas cartas que escreve aos eleitores, precede a sua assignatura de uma cruz (+), o que aliás nenhum dos membros do episcopado costuma fazer a não ser nos diplomas publicos!...

Já é vontade e talento... do *frigrir*.

Lá que trouxesse consigo, em digressão pelo paiz, os dois filhos do rei do Congo, pouco educados, sujos e tão mal postos em scena que até andavam de chinellos pela rua, vá:—dava na vista e era isso o que s. ex.^a desejava.

Mas que—escrevendo cartas particulares aos eleitores—se ponha a fazer *crucês*, isso sr. bispo, chega, até, a ser offensivo para elles.

Crucês, sr. bispo, para tanto reclamo!..

Chega a ser deveras *frigideira*!...

E se os eleitores, por esconjuro, se lembram de responder ás suas *crucês* com uns laivos de irreverencia, inoffensiva, mas bregeira?...

A responsabilidade recahirá sobre v. ex.^a—o provocador.

A' lettra...

Um idiota dos muitos que rabiscam no pastellão da cadeia, vulgo «Comercio de Barcellos», sem offensa para aquelle ou para este, veio de mansinho morder-nos os calcanhares, por termos feito a justa e merecida apreciação do discurso do sr. abade Paes, na reunião do *clero* em Barcelinhos. Depois de estropiar tudo, fez uma analyse muito sua ás palavras do sr. abade, tirando por ultimo conclusões verdadeiramente piramidaes.

Catholicos, que tresandam a phariseus, affirmam, com entono, «que ha por essas dioceses muitos ecclesiasticos, que nunca viram o seu prelado»; «que ha, por exemplo, n'esta diocese de Braga, bastantes padres que nunca viram nem conheceram os tres ou

quatro ultimos senhores arcebispos; etc., etc.

E tudo isto para justificar as seguintes palavras do sr. abade Paes, pespegadas nas bochechas do Centro Catholico de Braga e do sr. Bispo de Himeria, sem o mais insignificante protesto: *O clero gloria-se por estar ao lado do sr. bispo de Himeria, n'uma epoca em que o episcopado se affasta do clero!*

Mas então é o episcopado que se affasta do clero, ou, pelo contrario, é o clero que se affasta do episcopado?

Digam-no os odres cheios de catholicidade de fresca data.

Ou esperarão porventura que o sr. bispo de Himeria vá ao parlamento para de lá converter o episcopado portuguez?

Repetimos o que dissemos no numero transacto:

Parece incrível que assim se enxovalhe e deprima injustamente o episcopado portuguez, no intuito de recommendar ao suffragio do clero barcellense a candidatura do sr. bispo de Himeria.

E é em nome da Religião e da Patria que se cospe um labeu de tal quilate ás faces venerandas do episcopado portuguez?

Vejam isto os verdadeiros catholicos e digam-nos se não é uma vergonha o que se está passando em Barcellos, com a candidatura do sr. bispo d'Himeria!

Tartufos! Falta o azorrague com que Jesus castigou os vendilhões do templo; mas contae connosco, que estamos dispostos a converter a penna em azorrague, para vos desmascarar a hypocrisia e reduzir á ultima expressão as vossas emfias indigestas.

A incoherencia dos nossos catholicos

(Da «Palavra» de domingo)
OS CATHOLICOS ITALIANOS E AS ELEIÇÕES

Em data de 23 do corrente, escrevem de Roma ao «Figaro»:

«As eleições italianas de 21 de março tiveram como resultado dos mais apreciaveis, e não dos menos curiosos, dar sobretudo satisfação áquelles que não tomaram parte n'ellas: os catholicos que, mais que nunca, permanecem fieis ao principio da não intervenção ás urnas strictamente imposta e mantida pela Santa Sé desde 1870. Longe d'ir deitar as suas listas, enviaram—ao menos os mais fervorosos—as suas cartas d'eleitores ao Cardeal Rampolla. São os catholicos, repito, que reclamam para si, e não sem alguma razão, o principal beneficio moral do ultimo scrutinio».

Ahi temos, pois, que os verdadeiros catholicos de Italia—de inteira harmonia com a Santa Sé—são os primeiros a reconhecer quanto são inconvenientes e perigosas as **luctas religiosas** perante a urna.

Mas isto não o querem comprehender os **catholicos** de Portugal...

Com vista ao sr. Bispo de Himeria

Na passada terça feira, 30 do corrente, fômos procurados por tres homens da freguezia de Carapeços, que nos vinham consultar sobre o modo como haviam de proceder contra o parcho d'aquella freguezia, com o fundamento de elle se ter negado a *ouvil-os* de confissão, pelo simples facto de elles, ou os seus, se recusarem a votar a favor da candidatura de s. ex.^a rev.^{ma}.

Em vez de os aconselharmos a que recorressem aos dois tribunales competentes, recommendamos-lhes... resignação, porque estamos em tempo em que os processos custam muito e... nem

sempre dão o exito desejado e que era de esperar.

Vimos, porem, chamar a atenção do sr. Bispo de Himeria para este insolito procedimento dos seus correligionarios, porque ainda nos não podemos convencer de que tão catholico procedimento da parte de um ministro de Christo e de um parcho seja *aconselhado* ou, sequer, *consentido* por s. ex.^a rev.^{ma}.

Inaudita galopinagem

Consta-nos que o ex-carregador da estação d'esta villa, Alfredo Ribeiro Dias, foi barbaramente espancado, sendo, em seguida, retido na cadeia d'esta villa — onde ainda se encontra—pelo simples facto de não querer prometter o seu voto a um *celebre* galopim governamental.

Indicam-nos, até, testemunhas de vista para comprovarem a veracidade do que nos dizem.

Se assim é, pedimos, a quem competir, promptas e energicas providencias.

E, setanto necessario, desde já nos compromettemos a envidar todos os esforços, afim de que o pobre do Alfredo... vote pelo sr. bispo.

GAZETILHA

OS POMBINHOS DO SR. BISPO
(Musica das «Pombinhos da Catharina»)

Os pombinhos *emmitrados* Andaram de porta em porta; Só colheram negativas:— Ficaram de cara torta...

Ficaram de cara torta, Com que foram aos lavradores; Mas até dificuldades Têm d'encontrar regedores!...

Encontraram regedores. Que nem o voto lhes dão!... Mas que haviam de fazer, Sem ter de que lançar mão?...

Quem se diz opposição, Meu amor, gosto me dá! Ru-chu-chu, agora, agora, Ru-chu-chu, agora já.

Sem ter de que lançar mão Os hypocritas, carolas, Andam em bellas *noitadas* Em patuscas jantarolas

Em patuscas jantarolas, E em farto sarrabulhar, Vão dando cabo da *mitra*, N'este doido foliar.

N'este doido foliar, Como grillo em fresca horta, Lá vão *pastor* e *ovelhas*!... Ficaram de cara torta!...

Zé Povinho.

A rir

(Scena na redacção do «Commercio de Barcellos»)

DOMINGÓS DE FIGUEIREDO—(Entrando muito venioso, muito dama e um tanto preocupado):

—«Meu caro doutor: ¿devo dizer, fallando da minha pessoa, eu *fez* ou eu *fiz*?»

DR. JOSÉ RAMOS:

—«Parece impossivel que você não saiba conjugar o verbo fazer no tempo preterito perfeito indicativo: eu fiz, tu fizeste, elle fez, etc. Exemplifico: o amigo deve dizer: eu *fiz* uma pessima acção no Banco ao padre Lima, e elle *fez* bem em cortar as relações comigo,»

FIGUEIREDO:

—«E' isso, estou conformado. E' como quem diz: eu *quize*, elle *quez*, etc. E raios me partam, eu morra n'este instante, não me mude d'aqui, fique

negro como este chapéu, como acredito e fico sciente do exposto,»

(N'esta altura passa uma creancinha e Figueiredo chama-a):

—«Joãosinho, anda cá e diz quem é teu amiguinho. (Pegando-lhe n'uma das mãosinhas, branca, de cera): Tira os dedos da bocca que o Jesus ralha,»

A creança, esperta, de grande retentiva:

—«Ora. O sr. Domingui-nhos estava n'outro dia, na casa do dinheiro a conferir notas, que são muito porcas, diz a mamã, e tambem mettia os dedos na bocca,»

—«Isso era para as contar melhor, menino,» (Sae).

ANTONIO DE AZEVEDO—(Entrando a declamar):

—«Oh! Paul Bourget, sentimentalista eminente. Oh! Alexandre Herculano, ferro da prosa. Oh! Garrett, purista da lingua. Estrellas cadentes!.. Auroras boreaes!.. A oratoria é a rainha das artes, e o orador o rei dos artistas. (Recitando):

O' Laura, ó Laura,
O' minha grande traquina,
Não me rés a espreitar-lo
Sempre á beira da esquina?

Paço muitos tromentos,
Tromentos e amolinas,
O' que grande frio que faz,
Quando paço a noite debaixo da tua jinnella de cocorinhas.

EDUARDO RAMOS — (Entrando como um raio, furioso, horroroso, terrivel, andar pesado, parecendo á primeira vista que o chão se achata debaixo dos seus pés e que o seu corpo se introduz pela terra abaixo até á quarta camada geologica; pousa a um canto, sinistramente, um colossal bengalão, unico amigo que o acompanha sempre, e dependendo o chapéu, exclama, julgando-se só):

—« Tudo por causa do velho. Se não fosse aquella funebre figura, meu irmão estaria collocado. Só tenho pena do meu nobre amigo D. Antonio. ¿Mas como se explica o meu temperamento a pedir tratos inquisitoriaes para os regeneradores?: Fervidos em azeite... pintados de alcatrão e queimados... enterrados vivos... empalados... (Dando de cara com o mano José, desfecha o furor pedindo-lhe papel): Deixa ver d'ahi seis... uma duzia de linguados. (Depois resolutivo): Tremei de mim, regeneradores... Vingança!.. Ahi vão grandes verdades. (Assentase e escreve com pose):

Faz hoje annos, o nosso valente chefe politico o exm.^o sr. dr. José Julio Vieira Ramos.

—Estève em Braga o exm.^o sr. abade de Roriz e Quiraz, um digno orador e prégador e nosso valente correligionario.

(Mira-se depois, gososo, na sua obra e mostra-a satisfeito ao mano José)

Este corrigindo-a: —«Aquella virgula no annos é demais, ¿quem faz an-

nos? é o nosso valente correligionario ex.^{mo} sr. dr. José Julio etc., O sujeito nunca deve estar separado do verbo, e o verbo sou eu.

(Eduardo escamado e choramigando):

—«O Domingos de Figueiredo escreve tanta asneira grammatical e tu nunca lhe vaes á mão, e a mim até me mandas tirar a virgula do annos,»

Que differença!...

O sr. bispo de Angra foi convidado por varios cavalheiros para aceitar a candidatura pelos circulos da Horta e Braga.

Mas o virtuoso e illustre prelado declarou terminantemente «que era bispo de todos os politicos da sua diocese e não de um partido; confirmou que a sua missão era de paz e que nunca o seu nome serviria de bandeira de lucta nas mãos dos seus patricios.

Só annuiria a essa candidatura quando a sua entrada no parlamento nacional representasse que, na sua diocese, os seus patricios se não degladiavam já em luctas violentas e apaixonadas da politica.»

Confronte-se este altivo e dignissimo procedimento com o adoptado pelo sr. bispo de Himeria...

Não que a *missão* do seu collega de Angra é de *paz* e o *nome* venerando de s. ex.^a rev.^{ma} *nunca* serviria de *bandeira de lucta nas mãos dos seus patricios!*...

Sublime exemplo!...

E o sr. bispo de Himeria não se prestou somente a acceder ao appello dos progressistas para apresentar em côrtes o circulo de Barcellos; está tambem ahi a *galopinar* como qualquer outro politico e vamos que não deixa de dar esperanças... se continuar.

Pharmacia Moderna

O nosso amigo Delfino Esteves, illustrado correspondente do «Jornal de Noticias», nosso collega portuense, abriu hontem a sua pharmacia na rua Direita, d'esta villa.

Pela rapida visita que alli fizemos e que nos deixou agradavelmente impressionados, vimos que ella se acha magnificamente installada, n'uma loja ampla e elegante, com muito aceio, limpeza e bom gosto, de modo a satisfazer ainda os mais exigentes, em summa—uma verdadeira pharmacia moderna.

Todos conhecem o novo pharmaceutico:—sympathico, affavel, intelligente e sério.

Com estes predicados e com um trabalho aturado e perseverante, como o demandam estabelecimentos d'esta ordem, vaese muito longe.

Prosperidades, pois, é o que sinceramente appetecemos áquelleso nosso patricio e dedicado amigo.

Procissão de Passos

A realisada aqui no passado domingo, esteve em tudo á altura do nome de que merecidamente gosa—soberba, imponente.

O programma foi fielmente cumprido.

Vimos em Barcellos muitos forasteiros do Porto, Braga, Viana, Fimalicão, etc.

Não damos uma noticia circumstanciada, porque o espaço falta-nos.

A «Aurora do Cavado»

Tenha o collega cuidado que não lhe fuja debaixo... das mãos o segundo promettido osso pois que o primeiro está á sendo roído com toda a voracidade.

Quanto aos «menos correctos

procos sos e manhas», que allibue a os seus adversarios, descanse, que elles não aprendel-os melhores com o celebrado *heroe do Moinho de Vento*, quando os clamores da *victima* e dos innumerados *explorados* lhes deixo ouvir a lição...

Só estes davam um bom contingente de votos para o sr. bispo...

Mas «gato escaldado de... agua fria tem medo».

Se quiser, apontam-se os nomes.

Tudo irá e tudo será preciso!...

Editor: Augusto Soucasaux. Typographia Barcellense.

ANNUNCIOS

AGRADECIMENTO

O abaixo assignado, quasi restabelecepo da molestia que ultimamente accommettido, vem por este meio agradecer, muito reconhecido, a todas as pessoas que se dignaram visital-o e se interessaram pelo seu eslado.

N'este agradecimento, não pôde o abaixo assignado deixar de especializar o distincto medico ex.^{mo} sr. dr. Martins Lima que, devido á sua reconhecida pericia, prudencia e dedicacão, soube debellar o mal sem maiores soffrimentos e talvez graves consequencias.

A todos, pois, protesta o abaixo assignado o seu profundo reconhhecimento e eterna gratidão.

Barcellos, 29 de março de 1897
David Caravana.

CONVITE

No comboio ascendente das 8 horas da noite de hoje, chega a esta villa, de regresso de Mahaus (Brazil) o nosso illustre patricio o exm.^o sr. João da Costa Freitas Guimarães. Sabedores das qualidades filantropicas d'este honrado cavalheiro, pois tantos donativos distribuiu por casas de beneficencia d'aquella cidade e ainda tantos e tão relevantes serviços prestou não só aos nossos conterraneos, senão a toda a colonia portugueza ali residente, de cujos beneficios se fazem ecco folhas brazileiras que tomos á mão, os que este subcrevem lembram aos devotados filhos de Barcellos a sua comparença na gare do caminho de ferro para lhe ser feita recepção condigna.

Augusto Soucasaux
José Marcellino Coelho da Cruz

A quem Concrasse uma chave, pede-se para a entregar n'esta redacção.

AGRADECIMENTO

A todas as ex.^{mas} damas e cavalheiros que amavelmente nos receberam pela occasião em que promoviamos a subscripção pra se levar a effeito, no corrente anno, a magestosa procissão de Passos, n'esta villa, vimos, penhoradissimos, agradecer o seu valiosissimo auxilio á nossa idéa.

A' I.^{ma} Meza da Iamanda-de do Senhor Bom Jesus da Cruz, a nossa gratidão pelas suas muito delicadas atenções e defferencias.

Ao sr. Alberto Guimarães e João Lopes dos Santos, o nosso agradecimento pelas gentilezas que nos dispensaram.

BARCELLOS, 31 DE MARÇO
Mangel Antonio Esteves
Antonio X. da Costa Lima
Domingos J. d'Aranjó (auzente)
Guilherme Guimarães
Augusto Mello
Francisco Carmona

PHARMACIA MODERNA

de DELFINO PEREIRA ESTEVES
Pharmaceutico pela Escola Medica
Cirurgico do Porto
33—RUA DIREITA—35

TYPOGRAPHIA BARCELLENSE
 IMPRESSÕES DE VISITA
 RUA BARONA DE FREITAS
 Junto ao Café Molles

re, o campo das Cortinhas, e cortelho junto, terra de lavradio, com vinhedo, e parte de uma pequena latada que está sobre o caminho, com agua de rega, entra em praça por 219\$000 réis.

6.º
Em São Romão de Fonte Coberta, lugar da Torre, o cortelho do Perliteiro, e o prado da Arrilada, de lavradio, com vinhedo, e agua de rega, entra em praça por 100\$000 réis.

7.º
Em São Romão de Fonte Coberta, o campo do Casal, de lavradio, com vinhedo, e agua de rega, e tem um sucalco ao sul, entra em praça por 230\$000 réis.

8.º
Na mesma freguezia, uma casa com azenha copeira, e metade da agua do rio d'Ignez que lhe pertence e conduzida desde o açude para um rego marginado por um carreiro de pé, do lado do sul, e do lado do

norte por um vallo onde tem algumas arvores de vinho, e hem assim dois pequenos cortelhos que se acham á paul, com vinhedo, e entra em praça por 70\$000 réis.

9.º
Na mesma freguezia, lugar da Torre, um eirado que se compõe de casa torre e terrea, eira de casco, sem varandão, e á entrada do portal uma casa sobradada, com um lagar de pedra, e junto ás casas terra de lavradio, com sucalcos, com vinhedo e fructeiras, e ainda parte d'uma pequena latada que fica á entrada do dito portal, com agua de lima e rega, censuario caminho, e entra em praça por 200\$000 réis.

10.º
Na mesma freguezia, lugar dito, o campo do Pomar, de lavradio, com vinhedo e agua de rega, e entra em praça por 113\$600 réis.

E por esta fórma ficam

citados todos e quaesquer credores do inventariado para assistirem á praça, querendo, e deduzirem o direito que tiverem ao producto dos bens referidos.

Barcellos, 20 de março de 1897.

Verifiquei a exactidão.
O juiz de direito,
Fernandes Braga.
(32) O escrivão,
João Botelho da Silva Cardoso

Arrematação

3.ª praça
1.ª publicação

No dia 4 do proximo mez de abril, por 11 horas da manhã, á porta do Tribunal Judicial d'esta villa, em virtude da execução por custas que o Delegado do Procurador Regio, n'esta comarca, move a Maria Pereira, viuva, de Bastuço (S. João) tem de se proceder á arrematação, em hasta publica, por o maior preço que for offerecido os seguintes bens:—O usufructo que a executada tem d'umas casas torres e terreas e

junto eirado de terra lavradio, com arvores avidadas, sitas no logar do Monte, da mesma freguezia de Bastuço, foreira á Camara Municipal d'este concelho.

O usufructo de uma bouça de matto, sita no lugar da Boa-fé, freguezia dita de Bastuço, tambem foreira á Camara. O usufructo do capital de reis 100\$00, mutuado por Antonio Fernandes da Silva e mulher, de Bastuço (St.º Estevão) em escriptura publica, que entra em praça por 18:750 reis.

São, por este meio, citados os credores da executada para assistirem, querendo, á alludida arrematação e deduzirem o seu direito.

Barcellos, 27 de março de 1897.

Verifiquei a exactidão.
O juiz de direito,
Fernandes Braga.
(29) O escrivão,
Antonio Pereira Esteves.

ARREMATAÇÃO
2.ª praça
2.ª publicação
No dia 4 do proximo mez de abril, por 11 horas da manhã, no tribunal d'esta comarca, por virtude da deliberação do conselho de familia, e accordo de interessados e credores no inventario a que se procede por fallecimento de Manuel Gomes, que foi de São Romão de Fonte Coberta, tem de proceder-se á arrematação em hasta publica, porisso que na 1.ª praça não tiveram lançador, dos bens abaixo designados, para com o seu producto ser pago o passivo do casal.

1.º
Em São Romão de Fonte Coberta, uma propriedade que se compõe do campo e cortelho de Calvella, campo da Boucinha, de lavradio, com vinhedo e agua de rega, e ainda terreno de matto com pinheiros e carvalhos, dando o campo de Calvella servidão para a agua de rega de Joaquim Gomes de Araujo, achando-se dentro d'esta propriedade uma leira de matto de D. Delfina de Azevedo Maia, e entra em praça por réis 550\$000.

2.º
Na mesma freguezia, a bouça de Calvella de Cima, de matto e pinheiros, entra em praça por 180\$000 réis.

3.º
Na mesma freguezia, o eido de Landreiros, de lavradio, com vinhedo, e agua de lima e rega, em parte, da poça que em si tem, formado em sucalcos, entra em praça por 400\$000 réis.

4.º
Na mesma freguezia e no lugar da Torre, o cortelho dos Landreiros, de lavradio, com vinhedo, e um cabeceiro de matto, entra em praça por 100\$000 réis.

5.º
Em São Romão de Fonte Coberta, e lugar da Torre,

LOJA DO POVO

FRANCISCO MACHADO CARMONA
LARGO DA PORTA NOBRE (CALÇADA)—BARCELLOS

Completo sortido de todas as fazendas de lã, seda e algodão, além de uma grande quantidade de miudezas e d'um variadissimo sortido de bordados e rendas.
Encarrega-se de mandar vir qualquer encomenda das principaes casas de modas do Porto e Braga
Coroas funerarias, bouquets e seus aprestes

AGENCIA da Companhia de Seguros **A Urbana** Portugueza, do Porto.

ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS



40—Largo da Porta Nobre—44

BARCELLOS

Esta casa tem uma collecção distinctamente apurada dos melhores typos de fazendas nacionaes e estrangeiras, no rigor da moda, para todas as Estações.

O seu atelier, montado com todo o primor, tendo um pessoal habilitado, dirigido pelo sr. José Moreira da Silva Baião, que foi contra-mestre da reputada Casa Keil, de Lisboa, está á altura de satisfazer rigorosamente os ultimos figurinos.

Recommendamos uma visita ao estabelecimento e officina, que hoje fornecem a maior parte da villa e concelho, visto a correção dos seus trabalhos e economia nos preços.

Cereaes

CAMPO DA FEIRA, 25

(Proximo ao templo do Senhor Bom Jesus da Cruz)

Domingos Ferreira Barbosa & Almeida compram, todas as quintas-feiras, pelos melhores preços do mercado, pequenas ou grandes quantidades de legumes seccos e cereaes, como—milho, centeio, feijão—para a importante casa portuense Francisco Henriques Castanheira.

MERCEARIA OLIVEIRA

Campo da Feira

N'este bem sortido estabelecimento encontra-se á venda, alem do que *the diz respeito*:

Uma variedade de papel e objectos de escriptorio; bolacha fina das primeiras fabricas portuguezas; todas as *marcas* da acreditada Companhia Vinicola, desde o *rascante* vinho verde até o fino *champagne*; um grande deposito de conservas, como—pato com ervilhas, lebre estofada com ervilhas, coelho com ervilhas, coelho guisado; azeitonas; um sortidode sapatos de ourêlo etc. etc.

Livraria e encadernação

JULIO JOAQUIM BARRETO

CAMPO DA FEIRA

Grande sortimento de livros religiosos, Escolares e de Direito, missaes, breviarios, officios votivos, ultimas edições, sacras para altares, estampas, papel de todas as qualidades, tinta de escrever, por junto e a retalho, aparos, canetas, tinta de marcar roupa, livros em branco e outros objectos de escriptorio, etc. etc.

Conhecimentos para a cobrança da derrama parochial, ordens de pagamento para juntas de parochia e confrarias, livros para o recenseamento das creanças em idade escolar.

Imprimem-se com brevidade bilhetes de visita.
Encaderna com segurança e perfeição toda e qualquer encadernação tanto ordinaria como de luxo, porque tem uma longa pratica da arte, com a maior brevidade e barateza.

Recebe assignaturas e encommendas de livros tanto nacionaes como estrangeiros.

Compra e vende livros usados.
Encontram-se todos os livros adoptados nas escolas.
Encarrega-se de encommendas de carimbos de borracha.

—Espera continuar a merecer a protecção dos seus illustres amigos e freguezes, a quem continuará a servir com toda a pontualidade e barateza.

NOVA CONFETARIA E PASTELARIA CONFIANÇA

MANUEL JOAQUIM DUARTE SALVAÇÃO

Com dous annos de existencia, unicamente, já conta esta casa uma numerosa freguezia não só n'esta villa como tambem em Lisboa, Porto, Braga, Vianna, etc.—para onde exporta, a miude, a especial **laranja de doce de Barcellos**; magnifico pão de ló a rivalisar com o de Margaride; pasteis de massa e carne, e outras especiaes variedades.

A confecção do doce é esmeradissima, observando-se rigorosamente a limpeza.

Satisfazem-se encommendas na volta do correio, sendo acompanhadas da respectiva importancia; peça-se, para isso, a tabella dos preços.

Esta casa não manda vender doce nas romarias.

Junto á pastelaria e confeitaria ha fabrica de **Café flor**, especial, premiado na Exposição Agricola e Pecuaria de 1889.

Eis os seus preços, com desconto para revender:

Café Alimentar pacotes de 250 e 125 grammas—Kilo	720	reís
Café flor 1.ª	400 e 50	» 420 »
Café flor 2.ª	» » e »	» 360 »
Café flor 3.ª	» » e »	» 200 »

N'esta casa compram-se, vendem-se e trocam-se **sellos de correio, servidos, antigos e modernos.**